

O desenvolvimento de Londrina e as transformações nos espaços públicos da região central

The development of Londrina and the transformations on public spaces of the central area

Denise de Cássia Rossetto Januzzi¹

Resumo

Este trabalho procura expor brevemente a história da cidade de Londrina, na sua concepção, no seu crescimento e desenvolvimento. Londrina foi uma cidade projetada para uma população de 30.000 habitantes, teve um rápido crescimento e atualmente apresenta-se com aproximadamente 500.000 habitantes. Apesar da cidade ter sofrido grandes mudanças sociais, econômicas e culturais, a sua malha urbana central continua preservada e com ela seus espaços públicos, os quais sofreram constantes mudanças. Como parte de um projeto de pesquisa, Avaliação do Calçadão do Centro da Cidade de Londrina, este relato procura demonstrar como as áreas públicas da área central se transformaram com o desenvolvimento da cidade.

Palavras chave: Desenvolvimento urbano. Centro. Áreas públicas.

Abstract

The purpose of this paper is to tell the history of the city of Londrina from its conception, growth and development. Londrina was projected for a population of 30,000 inhabitants; however, it has grown fast, reaching approximately 500,000 inhabitants. In spite of major social, economical and cultural changes, its central urban area and its public spaces have been preserved. This report is part of a research project entitled “*Evaluation of the Downtown Boardwalk of Londrina*” which shows how the central public areas have changed with the city development.

Key words: Urban development. Center. Public areas.

Introdução

No início do Século XX, havia poucos povoados no Norte do Paraná, em geral próximos ao Estado de São Paulo, como Jacarezinho e Cambará, até que o governo paranaense decidiu transformar a mata existente na região em área produtiva. Em poucos anos, a região em que Londrina é a principal e maior cidade sofreu grandes mudanças, e o antigo sertão se transformou numa região bastante próspera.

Com um solo muito fértil, de terra roxa, o Norte do Paraná tornou-se uma terra de grandes oportunidades. Inicialmente, a produção de café foi o fator determinante do seu crescimento.

Nas décadas mais recentes, porém, aconteceram grandes transformações econômicas na região, assim como se deram mudanças nos hábitos da população. O desenvolvimento de novas tecnologias e a globalização, contribuíram para essas mudanças,

¹ Arquiteta, professora e pesquisadora da UEL. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/USP, doutoranda pela FAU/USP. E-mail:deniserj@uel.br

refletindo-se ainda no modo de ver e exercitar o lazer nas áreas públicas.

Este texto conta um pouco da história da cidade de Londrina e de seus espaços públicos, com foco em suas transformações sociais econômicas e culturais, salientando as constantes mudanças ocorridas nesses espaços.

As Origens da Cidade de Londrina

No início do Século XX, a presença de colonizadores no Norte do Paraná só alcançava a cidade de Jataizinho, às margens do Rio Tibagi. A partir de meados da década de 1910, por iniciativa de fazendeiros paulistas, foi construída a estrada de ferro São Paulo-Paraná, para possibilitar o escoamento da produção agrícola da região para o Porto de Santos, de acordo com Arias Neto (1998).

Em busca de terras para o plantio de algodão, atendendo à expansão da indústria têxtil da Inglaterra, foi criada a Companhia Inglesa de Colonização, logo após a Primeira Guerra Mundial, segundo Razente (1983). Como integrante da missão Montagli, vem ao Brasil, em 1923, Simon Joseph Fraser, o Lord Lovat, com a responsabilidade de aplicar o capital da *Sudam Cotton Plantation Syndicate*, empresa internacional dedicada ao cultivo de algodão.

A *Brasil Plantation Syndicate*, fundada por Lord Lovat com alguns acionistas, adquiriu duas glebas de terras no Norte do Paraná para o plantio de algodão, mas a experiência não foi bem sucedida, ocasionando a criação de uma empresa com sede em Londres, a *Paraná Plantation Company*, com sua subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que deveria lotear a área em pequenas propriedades. Essa empresa adquiriu, entre 1925 e 1927, uma área localizada na *mesopotâmia* dos rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema, de acordo com Arias Neto (1998).

Dentro da área loteada foi criada a cidade de Londrina, fundada em 1929 e emancipada em 1934. Outros núcleos urbanos implantados na mesma época dependiam de Londrina para o abastecimento de

diversos produtos e como eixo de ligação, entre eles Cambé (1930), Rolândia (1932), Arapongas (1935), Mandaguari (1937) e Apucarana (1943).

O Projeto para a Cidade de Londrina

O engenheiro Alexandre Rasgulaeff foi o autor do projeto inicial de Londrina. Sua proposta baseava-se numa malha ortogonal em forma de xadrez, de aproximadamente quatro quilômetros quadrados, com as ruas dispostas nos sentidos norte-sul e leste-oeste, com a região central situada no ponto mais alto do espigão (Figura 1). A previsão era para um número estimado de 30.000 habitantes, a cidade deveria servir de apoio para as outras cidades da região e nos seus arredores deveriam existir pequenas propriedades rurais para prover a cidade. Companhia melhoramentos Norte do Paraná (1975).



Figura 1. Projeto urbano para Londrina, apresentando o “cinturão verde” formando sítio e chácaras. Fonte: Simiema (1998).

A área central salientava-se no projeto da cidade, pois apresentava um desenho diferenciado com forma semi-circular, destinado a igreja e praças.

Havia, ainda, previsão para a implantação da estação ferroviária e da rodoviária, localizadas ao norte da cidade e ao sul o cemitério (Figura 2).



Figura 2. Mapa da região central da cidade de Londrina.

A Rota do Desenvolvimento

A venda dos lotes pela Companhia foi amplamente divulgada em vários Estados. A propaganda chamava a atenção para a terra fértil, com madeira em abundância, que possibilitava a obtenção de lucros pela extração e pela exploração agrícola.

Londrina vai ganhando fama de ser um local onde se encontra trabalho e se pode produzir. Assume também o *status* de cidade planejada e organizada

urbanisticamente. Havia a perspectiva da construção de ferrovias e rodovias, o que facilitaria o escoamento da produção e valorizava os imóveis.

O Norte do Paraná, até fins dos anos 30, era a *Terra da Promissão*, um local de produção agrícola abundante, das oportunidades de enriquecimento rápido para quem estivesse disposto a trabalhar. O ciclo de trabalho para quem adquiria terras se dava pelo corte e venda da madeira e, depois, pelo plantio e venda da colheita. Londrina tornou-se local de

intermediação de mercadorias entre a região e o resto do país, principalmente Santos e São Paulo, ligação na qual a ferrovia adquiriu um papel fundamental.

Pessoas de muitas partes do país e do mundo chegaram de São Paulo pelos trilhos da EFSP, a partir de 1935. Foi registrada, em 1936, a instalação de 611 empresas comerciais e industriais e três bancos, de acordo com Arias Neto (1988).

O Norte do Paraná passou por um processo de transformação, com redefinição sócio-econômica e político-ideológica, surgindo uma nova representação da sociedade regional: *o eldorado cafeeiro*.

No decorrer dos anos 30, houve alterações na estrutura do Estado brasileiro. O Estado passou a intervir nos processos econômicos para gerar condições de desenvolvimento, de expansão e diversificação do capitalismo, mas com ações autoritárias e intervencionistas.

As novas medidas adotadas pelo governo federal, com o Estado Novo estabelecido com o golpe de 1937, produziram modificações nas relações políticas entre o Paraná e o Município de Londrina, dando um fim ao domínio de mercado exercido pela CTNP na cidade.

O café passa a se firmar como força econômica do Norte do Paraná. Por volta dos anos 40, o preço do café havia começado a se recuperar, depois da grande depressão de 30. A permissão para o plantio do café pelos proprietários rurais, dada no Governo Vargas, foi obtida graças à mobilização da então ACL (Associação Comercial de Londrina).

Na década de 40, houve um grande crescimento da cidade. As primeiras fortunas e a fama da terra roxa atraíam milhares de pessoas atrás de riqueza. Entre os anos 40 e 50, a população aumentou 73,26%, uma taxa expressiva comparada com a taxa nacional do mesmo período, de 25,69%. Todo tipo de negócio prosperava em Londrina: hotéis, pensões, bares, casas comerciais. A cidade tinha 878 estabelecimentos comerciais, 45 hotéis e pensões, quatro cinemas, 154 consultórios e escritórios de profissionais liberais. A urbanização crescia em toda a região.

Na gestão do prefeito Milton Menezes, em 1951, o poder público municipal estabelece através da Lei 133, normas e diretrizes para regular o parcelamento do solo urbano. A lei foi elaborada pelo urbanista Prestes Maia, procurando disciplinar o crescimento da cidade e atribuindo aos proprietários de loteamentos a responsabilidade pela implantação da infra-estrutura básica, comenta Faraco (1988).

Na década de 60, começa a crescer a verticalização no centro da cidade e aumenta o adensamento urbano da população de média e alta renda; em contrapartida, ocorre uma expansão acelerada da periferia devido à migração da população rural, trabalhando agora como bóias-frias.

O forte movimento de urbanização dos anos 60 causou um déficit habitacional em Londrina, sendo adotados nessa fase programas habitacionais em larga escala, conforme Simiema (1998).

O preço do café cai com a concorrência internacional, e o governo reage propondo a diversificação de culturas e com a compra de café através do IBC (Instituto Brasileiro do Café), para estocar o produto e assim tentar controlar seus preços. A diversificação de culturas toma força, impulsionada também pelas geadas de 62, 66, 69, 72 e 75, conforme Razente (1983).

Aos poucos, a cafeicultura foi sendo substituída por novas atividades agropecuárias e industriais no decorrer da década de 60. Londrina apresentava um desenvolvimento industrial modesto, na década de 70, com 442 indústrias, a maioria de pequeno porte, voltadas para a produção de bens de consumo não-duráveis e utilizando pouca mão-de-obra.

Nessa época, a supremacia do café chega ao fim. O Brasil perde 226.000 empregos rurais, que não foram absorvidos pela pecuária e pelas culturas de soja, trigo e milho, mecanizáveis, de acordo com Razente (1983). Isto representou, para o Estado do Paraná, uma grande transformação não somente produtiva e conseqüentemente econômica, mas também social. Ocorreram grandes fluxos

migratórios do campo para a cidade, como se pode observar no Quadro 1, aumentando os índices de urbanização da cidade.

Quadro 1. Evolução da população de Londrina.

**MUNICÍPIO DE LONDRINA EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE.
1950, 1960, 1970, 1980, 1991 E 1996.**

ANO	URBANA	%	RURAL	%	TOTAL	TX.CREC. ANUAL
1950	34.230	47,93	37.182	52,07	71.412	-
1960	77.382	57,40	57.439	42,60	134.821	6,60
1970	163.528	71,69	64.573	28,31	228.101	5,40
1980	266.940	88,48	34.771	11,52	301.711	2,82
1991	366.676	94,00	23.424	6,00	390.100	2,36
1996	396.530	96,04	16.364	3,96	412.894	* 1,57

Fonte: População - Censo 1950 - IBGE Sinopse Preliminar de Censo Demográfico - 1960 - IBGE Censo Demográfico - 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996 - IPARDES - IBGE - Estimativa - 1996

*Taxa calculada considerando-se ainda a população de Tamarana

Fonte: Londrina. Prefeitura Municipal (1997).

A base econômica do município passou da monocultura do café para uma produção diversificada, com a introdução de culturas como soja, milho, trigo e cana-de-açúcar, demonstrando uma capacidade produtiva que contribuiu para que Londrina ficasse conhecida no cenário nacional como uma progressista cidade de porte médio, que entrou na década de 70 com 228.101 habitantes.

A criação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 1971, foi um fator importante para o desenvolvimento da cidade. Sua implantação aqueceu o mercado imobiliário para abrigar estudantes de fora. A implantação do Campus no sudoeste da cidade também provocou uma grande expansão urbana.

Na década de 80, verificou-se uma expressiva produção do setor terciário, que chegou a representar 67,2% do total produzido na cidade, seguido por 29% do setor secundário e por 3,8% do setor primário, de acordo com o Plano Diretor (LONDRINA. Prefeitura Municipal, 1997).

Ainda nos anos 80, a ênfase da ocupação do espaço se dá no sentido norte-sul. No norte, consolidam-se os *Cinco Conjuntos*, com suas habitações populares, enquanto as classes média e a

alta dirigem-se para o sul, estimuladas pela presença do campus da UEL e pelo Lago Igapó, como mostra o Plano Diretor.

No início da década de 90, Londrina tinha em torno de 400.000 habitantes, com alta densidade na área central (acima de 502 hab/ha em alguns pontos), apresentando sobrecarga nos serviços de infraestrutura (Figura 3). Em 1993, a renda “per capita” era de 4.160 dólares, enquanto a do Paraná girava em torno de 3.000 dólares. Os setores comercial e industrial da cidade crescem, graças a programas municipais de incentivos dessas atividades que aumentam a geração de empregos.



Figura 3. Centro da cidade de Londrina, apresentando grande quantidade de edifícios.

Fonte: foto do autor, década de 90.

Depois da UEL, vieram outras instituições que, transformando a cidade num importante centro de ensino superior, significaram outro fator de desenvolvimento, como o Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e, mais recentemente, a Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR).

Londrina desenvolveu-se com base na cultura agrícola, mas sua economia se diversificou e hoje, aos 70 anos, com uma população de 447.065 habitantes, a cidade apresenta sobretudo uma vocação comercial e de serviços, apresentando 14.372 estabelecimentos comerciais e 13.612 de serviços, segundo dados da (COMPANHIA DE

DESENVOLVIMENTO URBANO DE LONDRINA, 2000). A cidade possui também 3.485 indústrias, que têm uma produção voltada para a metalurgia, mecânica, mobiliário, papel e papelão e produtos químicos, entre outros.

De acordo com Grassiotto e Grassiotto (2003), sua localização estratégica funcionou como centro de ligação entre as principais cidades do Norte do Paraná (Maringá, Paranavaí, Apucarana, entre outras) e as capitais (São Paulo e Curitiba). A facilidade dessa ligação acabou funcionando como um eixo de comunicação que possibilitou que se tornasse um pólo exportador da produção agrícola.

O seu progresso se deu por um conjunto de fatores: planejamento, marketing, fertilidade do solo, localização privilegiada, comércio diversificado, pela concentração de diversas instituições de ensino, entre outros fatores. Mas não há dúvida de que o planejamento dado ao desenvolvimento da região, com o parcelamento do solo em pequenas propriedades e a fundação de pequenos núcleos urbanos próximos uns aos outros facilitou a circulação e o escoamento da produção, e a localização estratégica de Londrina reforçou sua condição de centro regional de compras e serviços.

As Áreas Públicas do Centro de Londrina

Na malha projetada da cidade de Londrina na década de 30, foram destinadas áreas para a igreja matriz e para praças no ponto mais alto do espigão, onde se localizam hoje a Catedral e as praças Marechal Floriano Peixoto, Gabriel Martins, Sete de Setembro, Willie Davids e Primeiro de Maio, além do Bosque. A cidade cresceu a partir da igreja, região onde atualmente se concentra grande número de estabelecimentos comerciais e de serviços.

Na década de 30, a estação rodoviária localizava-se na Praça Willie Davids, onde também estavam os pontos de “carros de praça”. À sua volta estavam instaladas a sede da Companhia de Terras Norte do Paraná, a Associação Comercial, a Prefeitura e a Câmara Municipal.

Em meados da década de 30, a Praça Marechal Floriano Peixoto era um grande gramado com algumas árvores, bancos de granilite e um coreto de madeira. Uma banda costumava tocar aos domingos naquela que era conhecida como a Praça da Matriz, onde a população realizava passeios e diversas práticas sociais, culturais e políticas, segundo relata Januzzi (2000).

A Avenida Paraná, na década de 30, era um lamaçal, mas já apresentava características comerciais e foi a primeira via a ser pavimentada com paralelepípedos. Com a urbanização da Praça Marechal Floriano Peixoto, na década de 40, que ganhou jardins aprazíveis e mastros, a paisagem do local alterou-se mais um pouco, tornando-se um lugar de cerimônias cívicas. Também era nessa praça que se realizavam festas, quermesses e comícios.

Nos anos 50, a Avenida Paraná já havia sido pavimentada e se apresentava como a principal via da cidade. O trânsito de veículos, ali, era intenso. Era também ali que se faziam os desfiles escolares e os passeios de finais de semana; tratava-se do local mais animado da cidade. O palanque das autoridades era instalado na Praça Marechal Floriano Peixoto, de frente para a avenida, diz Januzzi (2000).

Na esquina da Avenida Paraná com a Rio de Janeiro, negociava-se café, e o lugar ficou conhecido como *pedra do café*. Mais tarde, o Edifício Banco da América, erguido nessa mesma esquina, passou a abrigar os escritórios das principais corretoras de café da cidade, relata Cernev (1995).

O Cine Ouro Verde, localizado na Avenida Paraná, em frente à Praça Willie Davids, foi inaugurado em 1952, e os seus arredores transformaram-se em pontos de encontro, com estabelecimentos como a Casa de Chá Fuganti, o Restaurante Calloni e a Confeitaria Cristal.

No Bosque existia um *playground* em meio a áreas verdes abertas (Figura 4). A Praça Gabriel Martins sempre teve uma conotação comercial, a Sete de Setembro tinha características mais de circulação e a Primeiro de Maio tornou-se um local de manifestações populares, devido à existência da Concha Acústica.



Figura 4. Bosque década de 40.
Fonte: Museu Histórico de Londrina Pe. C. Weiss.

No final da década de 70, o centro da cidade teve uma grande modificação, com a implantação do Calçadão. O projeto de reurbanização foi concebido pelo arquiteto Jaime Lerner e previa uma rua de pedestres ao longo de três quadras, quiosques de fibra de vidro, alterações no sistema viário, remoção do terminal de transporte coletivo urbano do Bosque, estacionamentos, palco para apresentações, playground e mobiliário urbano, ampliando o espaço para convivência social e beneficiando o comércio, de acordo com Folha de Londrina (1/6/77).

Com o passar dos anos, algumas obras foram realizadas no Calçadão, que perdeu alguns quiosques e outros equipamentos causadores de poluição visual, evitando-se a transformação do espaço num grande mercado e num local decadente. Ao mesmo tempo, foram adicionados outros elementos de interesse.

O Bosque há alguns anos ganhou o *Zerinho*, local para práticas esportivas que está inserido no centro da mata fechada e que já foi reformado uma vez desde que foi implantado. O bloqueio visual da vegetação prejudica o aspecto do local, que também é visto com ressalvas pela população em relação à segurança.

Outro local que sofreu reformas foi a Praça Sete de Setembro. Seu aspecto melhorou muito com a troca do piso e dos equipamentos, mas a praça continua isolada e sem conexão com as demais praças da área central.

Em 2002, a Prefeitura de Londrina, em parceria com a ACIL (Associação Comercial e Industrial de Londrina), iniciou um conjunto de ações para a revitalização do centro da cidade. O conjunto de medidas incluía a higienização, visual, troca do piso, iluminação e segurança do Calçadão, criação de um camelódromo para retirar os camelôs das ruas e a ampliação do Calçadão nas duas pontas, entre as Ruas Minas Gerais e Mato Grosso e entre a Rua Hugo Cabral e a Avenida Higienópolis. Parte dessa proposta foi implantada, como a reforma do piso da Praça Marechal Floriano Peixoto, a melhoria dos equipamentos e a limpeza do Calçadão (Figura 5). Foi instalado também um camelódromo que proporcionou aos pequenos comerciantes, antes camelôs, um local apropriado para a venda de seus produtos. A ampliação do Calçadão não foi realizada e está suspensa.



Figura 5. Praça Marechal Floriano Peixoto após a reforma do piso.
Fonte: Foto do autor, out. 2004.

Nos últimos anos, o centro da cidade de Londrina apresenta-se mais limpo e com policiamento constante. Percebe-se uma melhora no aspecto geral devido à melhor conservação, mas ainda existem problemas de gestão dos serviços públicos e na qualidade do ambiente.

Considerações Finais

O desenvolvimento de Londrina se deu surpreendentemente rápido; a cidade acaba de chegar aos 70 anos com uma população próxima dos 500.000 habitantes e tornou-se uma localidade importante no cenário nacional e internacional.

Vários aspectos contribuíram para o rápido desenvolvimento da cidade, como o solo fértil, a localização, a madeira abundante, a facilidade de escoamento de produção, entre outros. Isso fez a cidade firmar-se como um local próspero e produtivo.

A produção de café foi um fator importante na economia de Londrina, gerando riquezas e impulsionando o desenvolvimento no momento inicial. Com o declínio da produção cafeeira, deu-se a diversificação do setor agrícola.

Por algum tempo ainda o setor primário continuou sendo a base econômica da cidade, mas foi substituído pelo fortalecimento do setor terciário.

Também ocorreram mudanças na esfera social. Antigamente, o lazer da população era passear de carro na Avenida Paraná, tomar chá nas Casas Fuganti, passear no Bosque e nas praças. Hoje as pessoas não utilizam mais as áreas públicas do centro como antigamente. O centro tornou-se um local inseguro, carente de manutenção, limpeza e de atividades de lazer.

As novas formas de lazer, como ver televisão e ir ao shopping center, ganharam mais espaço na vida de grande parte da população, que deixou de freqüentar os espaços públicos da área central como um local de lazer e de compras.

Verifica-se que devemos avaliar constantemente a qualidade dos espaços públicos do centro da cidade, para saber se eles atendem as necessidades da população, evitando que se tornem decadentes e entregues ao abandono.

Agradecimentos

Aos professores colaboradores: José Luiz Faraco e Nestor Razente

Referências

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930- 1975*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

CERNEV, Jorge (Org.). *Memória e Cotidiano- cenas do norte do Paraná: escritos que se recompõem*. Londrina: Ed. IPAC/UEL, 1995.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*. São Paulo, 1975.

FARACO, José Luis. *Adensamento Central e Dispersão Periférica: levantamento e sistematização de indicadores que permitam qualificar os desequilíbrios intra- urbanos de Londrina*. 1988. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Escola de Engenharia de São Carlos. Universidades de São Paulo, São Carlos.

GRASSIOTTO, Maria Luiza Fava; GRASSIOTTO, Junker de Assis. A Atividade Comercial e sua Relação com o Urbano: o exemplo de Londrina. *Semina*, Londrina, v. 24, n.1, p.101-120, set. 2003.

JANUZZI, Denise C. R. *Avaliação de Áreas Públicas do Centro da Cidade de Londrina*. 2000. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. Companhia de Desenvolvimento Urbano de Londrina. *Londrina: Uma completa prestadora de serviços*. 2000. Disponível em: <<http://www.codel.londrina.pr.gov.br/categoria.asp?id=8>>. Acesso em: 27 jun. 2005.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina . *Plano Diretor de Londrina*. Londrina, 1997.

RAZENTE, Nestor. *Ocupação do Espaço Urbano de Londrina*. 1983. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SIMIEMA, Janir. *As Transformações do Ambiente Urbano*. 1998. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo.